



Comte d'Artois

Est. d'Artois. Reol. 1.1. de L'or.

CONDE D'AVILA



châmo-nos entre Scylla e Carybdes. Ou havíamos de demorar o apparecimento d'este numero da *Revista Contemporanea*, ou havíamos de apresentar o retrato do illustre estadista, sem a devida biographia. Convinha tomar uma resolução. Qual havia de ser? Uma falta podia resgatar-se, a outra, não. Preferimos a que não tinha resgate. Ahi vai pois, o retrato que já tarde nos chegou de Pariz, aonde foi gravado, e n'um dos proximos numeros, irá a biographia que está confiada a um dos nossos mais distinctos homens de letras. D'esta fórma mantemos a regularidade da nossa publicação, regularidade a que nos obrigámos e que até hoje nos prezamos de haver mantido.

Limitamo-nos agora a registrar os cargos que tem exercido e as merecidas honras e distincções que o trabalho e a intelligencia lhe conquistaram. É do Conselho de Sua Magestade, Par do Reino, commendador das ordens de Christo e da Rosa do Brasil, grão cruz das de Leopoldo da Belgica, e S. Mauricio da

Sardenha, cavalleiro da Legião da Honra de França, Ministro e Secretario de Estado honorario, deputado ás côrtes em quasi todas as legislaturas desde 1834 em diante, socio e vicepresidente da academia real das sciencias de Lisboa, e membro de outras corporações litterarias e scientificas estrangeiras.

Antonio José d'Avila é tambem auctor das seguintes obras:

Relatorio sobre o cadastro — Relatorio sobre os trabalhos do congresso estatistico reunido em Bruxellas em 1853 — Relatorio ácerca da administração e monopolio do tabaco por conta do governo apresentado ao ministro da fazenda de 1857 — Relatorio do commissario regio junto á commissão especial da exposição universal de Paris — Varios discursos das camaras legislativas, já como deputado, já como ministro.

É mais um nome distincto que illustra a galeria da *Revista Contemporanea*. É mais uma homenagem prestada ao verdadeiro merecimento.

ERNESTO BIESTER.



POESIA DA NAVEGAÇÃO PORTUGUEZA

Ao sr. José da Silva Mendes Leal



uando esse fanatismo sublime da honra se encarnava nos espiritos da idade media, e o valor e o amor eram o ideal dos feitos epicos e do lyrismo, embalando com a sua harmonia magica a formação dos estados e os primeiros alvares da civilisação moderna, como no mytho profundo de Amphion e Orpheu, um povo, que vivia n'um recanto da Europa, aguia ainda implume no seu berço, estava destinado pela providencia a continuar as tradições maritimas dos aédos do Archipelago.

Era de Ulyssea que haviam partir os novos aventureiros, que herdavam pela fatalidade antiga o genio das expedições longiquas do arguto rei d'Ithaca. O impulso dos sentimentos da cavalleria refluira sobre o coração da Peninsula, era preciso uma área mais ampla para a acção gigante, que elles inspiravam, um campo onde se não podessem marcar os limites do tor-

neio. O mar, o mar mostrava-se-lhe diante. O valor levava este povo a affrontar as tormentas escuras, a ir arrancar pela conquista as perolas do Oriente, como n'um voto denodado, para cingir a frente da sua dama; o amor, que lhe inflammava a crença, subia mais alto, a dama que levava em seus pensamentos, invocada nos lances imprevistos, era a *patria*, o doce nome da patria, aquella que lhe acordava n'alma esse sentimento puro, estreme, intraduzivel em todas as linguas — a *saudade*.

A honra, o ideal supremo da acção heroica, tocava a rigidez da abnegação e do desinteresse, a santidade estupenda de Pacheco, de Affonso de Albuquerque, de Dom João de Castro. Os paladins errantes eram as armadas; ellas sam, como diz Jacintho Freire, ao longo d'aquella parte de Africa, que corre do Cabo da Boa Esperança até ás portas do Estreito do Mar Roxo, rodeando o mundo em distancia de mais de vinte mil leguas.

Estes sentimentos novos, em que o genio do Oriente se deixava surprehender e confundir com o Occidente, haviam de crear por certo uma nova poesia. Era a poesia da grande navegação; é ella a unica e verdadeiramente portugueza, apesar de se lhe não sentir o perfume balsamico na aridez classica da maior parte dos nossos velhos quinhentistas. A poesia intima de um povo, os sentimentos, as aspirações, é a que se encontra ás vezes menos em seus poetas. É assim em Roma; ahi os mais antigos poetas, onde se esperava encontrar uma poesia propria, não influenciada pela muza attica, o verso saturnino accentuando-se na sua ingenuidade rude, n'esses mesmos é palpavel esta falta de nacionalidade; Livio Andronico ensaia-se traduzindo a *Odyssea*, Naevio e Ennio cantam os annaes e tradições de Roma pelas suas reminiscencias de Euripides. Roma, *patria legum*, como lhe chamavam os antigos jurisconsultos, tinha essa poesia immensa, a mais profundamente humana, cuja acção é a vida — a poesia do Direito.

Um facto egual se dá comnosco; sómente em Camões se acha reconcentrado o espirito d'essa poesia da expedição maritima, é pela tradição conservada por elle, que ainda vivemos entre as nações modernas.

A poesia dos mares tem o character mystico e heroico da idade media. Depois que o espirito de Deus foi levado por sobre as aguas na hora suprema do genesis, o mar possuirá-se de uma magestade sagrada. Como o não haviam divinisar as velhas theogonias, elle que é o agente primario da organização e da vida? A agua apparece-nos como um elemento

de culto nas lustrações antigas; o christianismo poetisou-a do mesmo modo no baptismo. A sorte da creança que abria pela primeira vez os olhos á luz, era incerta e terrivel; Lucrecio descreveu-a revelando o interior da familia antes de Christo. A mesma imagem com que elle nos descobre o sentimento primitivo é a que apparece appropriada, convertida nas lindas formulas dos baptismos nos rituaes da meia idade, Lucrecio canta:

Tum porro puer, ut saevis projectus ab undis
 Navita, nudus humi jacet, infans indigus omni
 Vitai auxilio, cum primùm in luminis oras:
 Nixibus ex alvo matris Natura profudit;
 Vagituque locum lugubri incomplet, ut aequum est,
 Cui tantum in vita restet transire malorum¹.

A purificação da alma pelo baptismo, este renascimento para a sociedade universal, a iniciação da vida futura, está symbolizada em uma gota de agua. A egreja primitiva rude mas crente, deu aos seus canticos a unção religiosa dos mares. Dil-o este canto de benção da fonte baptismal: (Ex missali gothico gallicano.)

« Stantes, fratres carissimi, super ripam vitrei fontis, novos homines adduc eis de terrâ litori, mercaturos sua commercia. Singuli navigantes pulsent mare novum, non virgâ, sed cruce; non tactu, sed sensu; non baculo, sed sacramento. Locus, quidem, parvus, sed gratiâ plenus. Benè gubernatus est Spiritus Sanctus. Oremus ergo etc.»² Sus, irmãos carissimos, sobre a borda da vitrea fonte, conduzi novos homens, que da terra á praia venham fazer troca e commercio. Que elles navegando cada um pulse o mar novo, não com o remo, mas com a cruz, não com a mão, mas com o sentido, não com a vara, mas com o sacramento. O logar é pequeno, é verdade, mas está cheio de graça. O Santo Espirito foi dirigido por um bom piloto. — Esta formula maritima do baptismo, é provavel que appareça tambem na sua essencia nos nossos rituaes, porque o baptisterio tinha a mesma disposição, para aimmersão total. Éo que se deduz da phrase *Sahir sobre as fontes*, que servia de prazo em muitos actos juridicos.³ Na formula baptismal, tirada de Martene, *De antiquis ritibus Ecclesiae*, Michelet o propheta do passado, pressente ó genio das invasões e expedições

¹ Lucret *De Nat. Rer.* lib. V.

² Martene I, 475, na Liv.^a da Universid.

³ Viterbo, *Elucid.* vb.^o. *Sahir sobre Fontes*. Du Cange: *Fons Consecratus*.

marítimas conservadas no christianismo, como uma tradição da Odyssea.

Por esta fórmula semi-barbara se adivinha o symbolismo da egreja traduzido nos seus hymnos. O symbolo religioso é sempre immovel e sacrifica á sua immobilidade o espirito que avança. Não ha religião sem martyres. Este pensamento se acha velado sob um terceto de Dante, quando o poeta se viu forçado a quebrar a grade da fonte da egreja de S. João em Florença para salvar uma creança que se afogava nas aguas em que vinham dar-lhe a viabilidade. O baptismo era designado pelos epithetos de *nativitas secunda*, *vitale lavacrum*, *unda genitilis*. Santo Agostinho avança mais: « Per mare transitus baptismus est. »⁴ Na vida de S. Damaso ha o mesmo pensamento: « patres quoque nostri in typi baptismi per medium mare transierunt. »⁵ Nas inscrições das fontes baptismaes, em quasi todas ha este sentimento vago, como nos versos de Santo Ambrosio para a fonte baptismal de Santa Tecla. (Ex codice Palatino.)

Como não havia a egreja sanctificar os mares, ella que era feita como um navio, voltada para o Oriente. As egrejas, segundo estas idéas mysticas, provenientes talvez da tradição biblica da Arca do diluvio, eram edificadas á maneira de um navio. Mandava assim uma Constituição apostolica: « Ecclesia sit ad instar navis et ad Orientem conversa. »⁷ O sentimento é sempre pantheista; o christianismo deu uma personalidade ao navio, deu-lhe tambem o baptismo. Nos poetas da egreja as imagens são de preferencia tiradas da poesia dos mares. A cruz, em S. Paulino de Nola é comparada a uma ancora, mesmo a ancora na egreja symbolisa o que ella tem de mais bello—a esperanza. Alfred Maury, escriptor de uma erudição tenacissima, considera o symbolo do navio como de uma origem puramente christã.⁸ Na edade media a linguagem é essencialmente symbolica, como nos periodos divinos da humanidade, segundo Vico. Nas miniaturas dos illuministas antigos um navio representa a Egreja. O mastro é a Cruz. Os ventos, que no paganismo eram os numes submettidos á divindade de Eolo, o christianismo aproveitou-os para a formação da sua demonologia. Os diabos figuram os ventos.

O amor, o valor e a honra, ideal de toda a poesia cavalheiresca

⁴ Michelet Orig. p. 10.

⁵ Serm. 213, c. 8.

⁶ Biblioth. PP. Max. XXVII, 63.

⁷ Constit. apost. lib. 2, c. 61.

⁸ Maury, Legendes pieuses au moyen-âge, p. 102.

do christianismo perpetuavam-se na *aventura*. As peregrinações os votos denodados, o santo sepulchro, o Saint-Graal, as descobertas maritimas, as tormentas, os phenomenos estupendos do mar, os piratas, as missões evangelicas em regiões ignotas, trazem ao christianismo esse character de aventura, cuja manifestação mais profunda é de um lado a *Jerusalem Libertada*, do outro a *Luziada*. Entre as grandes epopéas da humanidade, independentemente da nacionalidade, a epopéa portugueza occupa este logar. A *Luziada* é o poema da grande navegação, como já lhe chamaram, é a *Odyssea* do christianismo. « Oh maldito o primeiro que no mundo, primeiro velas pôz em seco lenho ! »

A aventura cavalheiresca é desinteressada. « Nas epocas heroicas da sua historia, diz Humboldt, os Portuguezes e os Castelhanos não foram sómente levados pela sêde de ouro, como se ha supposto, por não comprehenderem o espirito d'esses tempos, todos se sentiam arrastados para o acaso das expedições longiquas. »⁹ O poema de Camões, dissemo-lo já, parece uma tradição dos rhapsodos do archipelago grego, modulada na lyra christã. Não é sómente a mistura do paganismo que nos leva a esta consideração. A poesia grega, de uma suavidade de infancia, na sua parte descriptiva absorve a paixão, parece que ella vive só do sentimento da natureza; a natureza, como a amante que a fascina, mostra-se-lhe bella, na harmonia do conjunto—a paizagem; esta mesma harmonia seria discordancia se a não viesse completar o quadro grandioso do mar. É a Venus que se levanta da espuma, a nayade que passa á flor das aguas ceruleas que murmuram.¹⁰ Em Camões vemos o enlace das duas poesias; é o poeta da geographia. A terra, descreve-a com a mesma paixão, com que contempla os phenomenos mais esplendidos do mar. Só a observação pessoal e immediata, como diz Humboldt, podiam attingir a verdade da grande epopéa, é como um sonho de uma noite dos tropicos, embalado nos effluvios suaves, quasi imperceptiveis das flores da India. O eminente naturalista da Allemanha extasia-se ao vér as descripções brilhantes da meteorologia; no seu enthuziasmo chama-lhe um pintor inimitavel, *no sentido proprio da palavra, um grande pintor maritimo*.

A aventura, que entretece o poema tem uma certa impressão de fatalidade. No mar tanta tormenta tanto damno! tantas vezes a morte apercebida! Ha aqui o sentimento religioso das expedições maritimas do cyclo heroico christão. Que fervor o do nauta

⁹ Cosmos, t. II, 60, trad. franc.

¹⁰ Idem, ibid. 9.

angustiado que offerencia a vela rota pelos ventos, só para chegar a beijar a terra de seus pais! O Santelmo vem presagiar-lhe a bonança. A Virgem é a estrella do mar. Cansado do fragor das procellas e dos parceis occultos o mareante a invoca. *Ave maris stella!*

Quando a hymnologia da egreja do occidente tocava a sua expressão mais pura e brilhante, do seculo XII ao XIV, começou a ouvir-se aquella antiphona sublime, e anonyma como todas as grandes obras, a que os italianos chamam o cantico dos marinheiros, a *Salve Regina*, onde o ideal de Maria ainda conserva o sentimento mais bello, que os conventos depois lhe tiraram, o sentimento de *mãe*.¹¹ Era a mãe de misericordia para quem se erguia a celeuma nas vascas da tormenta.

Esta poesia dos mares, tem uma epopéa cyclica, interminavel—é o naufragio. Ella encontra-se espalhada pelas paginas da Historia tragico-maritima dos Galeões da India, na sua expressão popular, conceituosa, crente; quasi que se surprehende o genio de uma nação no labor mysterioso da sua grande epopéa. Corte Real no *Naufragio de Sepulveda* não comprehendeu este sentimento novo; deixa-se levar pelas personificações insulsas dos deuses pagãos declamando estafados versos de paixão apoz o navio que leva a esposa do capitão Manuel de Souza. É uma poesia sem vida, sem as profundas emoções de que a alma se possui deante da tempestade. Todo o poema de Jeronymo Corte Real não vale estas tres outavas em que o Adamastor prophetisa a desgraçada sorte de Sepulveda:

Outro virá tambem de honrada fama,
 Liberal, cavalleiro, enamorado,
 E comsigo trará formosa dama,
 Que amor por gram mercê lhe terá dado:
 Triste ventura e negro fado os chama
 Neste terreno meu, que duro e irado
 Os deixará d'um crú naufragio vivos
 Para verem trabalhos excessivos.

Verão morrer com fome os filhos caros,
 Em tanto amor gerados e nascidos,
 Verão os Cafres ásperos e avaros
 Tirar á linda dama seus vestidos;
 Os crystalinos membros e preclaros
 Á calma, ao frio, ao ar verão despidos,

¹¹ Du Cange vb.; Antiphona de Podio. É tambem attribuida a San Bernardo.

Depois de ter pizada longamente
Co'os delicados pés a areia ardente.

E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dois amantes mizeros ficarem
Na férvida e implacabil espessura.
Alí, depois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dor, de magoa pura,
Abraçadas as almas soltarão
Da formosa e mizerrima prizão.¹²

As côres sinistras que Byron espalha sobre o naufragio de *Don Juan*, são frias como o gelo da morte, com que se relucta. Aqui sente-se uma alma, uma alma profunda como o oceano, segundo a bella expressão de Quinet. O horror dos escolhos de que se foge, a tormenta que negreja no horizonte, o Santelmo que vem pousar no tope do mastro a annunciar a bonança, as ondas urrando violentas a despedaçarem contra o grande promontorio, que se desenha gigante de fórmãs incertas atravez da penumbra da cerração, o perfume da terra, que se pressente e mal se avista, o amor da patria e a fé viva fortalecendo na aventura, eis o colorido da nossa epopéa nacional, o que lhe dá um logar importante entre as grandes epopéas da humanidade. O Barão de Humboldt, foi o primeiro que veio alargar os horizontes da critica, mostrar que este poema antes de ser nacional é humano.¹³

Os naufragios frequentes dos Galeões da India acharam uma forma livre, espontanea, para revelar a extensão do sentimento, nos cantos do genio popular. A *Nau Cathrinetta* é uma epopéa moderna e porisso incompleta, porque o tempo não deixou accumular os episodios, nem dependerem mutuamente as variantes. O *gageiro*, que sobe ao mando do capitão, sobre quem cahio a sorte para ser devorado e promette o seu navio, o grau de cavalleiro, a sua filhá, se lhe avistar terras de Portugal, é uma das mil personificações do Diabo.

Elle produz a cerração que esconde a praia. O mar, segundo as crenças christãs vindas do paganismo era a mansão do diabo. Typhon, o typo privativo do principio do mal, a quem o mar era consagrado,¹⁴ transforma-se depois no diabo da my-

¹² Luz. C. v. est. 46—8.

¹³ Veja-se a bella *Carta sobre a situação da Ilha dos Amores* onde o meu illustre amigo o sr. J. Gomes Monteiro mostra os resultados da sua critica creadora.

¹⁴ Plutarch. de Is. et Osirid. 356.

thologia christã.¹⁵ O espirito supersticioso, a ignorancia das leis naturaes, ainda não vulgarisadas na idade media, estão representadas no *gagueiro*, que suscita a tormenta. Era a crença da egreja. Alfred Maury encontrou na Biblia historiada manuscrita da Bibliothèque Royal, figuras de diabos soprando ventos impetuosos.¹⁶ Na vida de Guibert de Nogent, na historia do Anel de S. Marcos, mesmo na *Summa* de S. Thomaz e no livro de Alberto Magno *De Potentia Daemonum*, apparece este pensamento que encontrámos determinado na nossa poesia popular. Na *Divina Comedia*¹⁷ e na *Jerusalem Libertada*¹⁸ os ventos são attribuidos ao mesmo principio.

Garrett nas poucas linhas com que precede este principal monumento que temos da poesia popular maritima portugueza, admira-se de que um povo que viveu mais do mar do que da terra não exercesse o seu genio creador no romance maritimo.

O seculo xvi é a idade da prosa, contudo o povo é sempre infante, sempre creador e poeta; mas as imitações classicas infatuadas da sua sciencia absorveram em si as atenções, dominaram a ponto de excluirem do dominio da arte a musa popular. O poema cyclico maritimo tivemos-o nós. Basta ver descriptos nos livros de historia e de viagens os naufragios desastrosos, as fomes, as tormentas. Antes da fórma prosaica com que achámos esses cantos colligidos na *Historia Tragico-maritima*, o povo primeiro os soffreu, ou sentiu a imaginação ferida pelos horrores contados pelos que um dia tinham a dita feliz de tornar a ver a terra de seus pais. Garrett inclina-se a determinar a origem historica da nau Cathrinetta, em uma narrativa, por titulo — *Naufragio que fez Jorge de Albuquerque Coelho vindo do Brasil em 1565*, que vem na referida *Historia Tragico-maritima*.

Esta *xacara*, como elle duas vezes lhe chama, elle que confessa não conhecer a differença entre as fórmas da poesia popular, parece ser o germen de uma odyssea, onde se encontra a multiplicidade das scenas do naufragio reduzida a uma generalidade a mais tetrea.

A sua formação descobre-se na diversidade das variantes que ella tem. A Estremadura, o Minho, o Algarve, Lisboa, Beira-

¹⁵ Maury *Legendes pieuses* p. 144.

¹⁶ Idem p. 18. Esta materia vem tratada com toda a profundidade de uma critica segura em A. Maury, o primeiro que descobriu um typo geral e commum para a multiplicidade das legendas dos santos.

¹⁷ Purgator. C. v.

¹⁸ Jerusal. Libert. C. xiii, 7.

Baixa, Riba-Tejo, trabalharam sobre a mesma legenda. Mais tarde a variante tornava-se episodio, prendia-se á unidade do poema. A imagem do diabo, que mostra as tres meninas de baixo do laranjal é de origem puramente christã. Garrett mostra a nacionalidade do poema, mesmo a sua data, do seculo xv ou xvi, pelas deducções que faz sobre o apparecimento do maravilhoso. A nossa poesia primitiva, quando se serve d'elle é como uma reminiscencia dos bardos e scaldos. O caracter moderno da *Nau Cathrinetta*, determinal-o tambem pela reminiscencia religiosa da poesia da igreja sanctificando os mares.

O galeão de San-Thiago é outra legenda da nossa poesia maritima. Fala d'ella D. Rodrigo da Cunha no Catalogo dos Bispos do Porto. O galeão que trazia o corpo de S. Thiago aportou em Amaya, quando os habitantes folgavam em um festim de noivos. O cavallo, que montava o desposado, levou caminho da praia, rompeu pelas aguas até ao galeão; o mancebo aterrado ahi se viu todo coberto de conchas. D'aqui tiraram os peregrinos, as vieiras, insignia de que usaram.¹⁹

Tambem nos Autos de Gil Vicente ha este sentimento da poesia popular maritima, principalmente na Trilogia da *Barca do Inferno*, do *Purgatorio* e da *Barca do Paraizo*. Era o pensamento do seculo de D. Manuel. No *Auto da Barca do Purgatorio* os anjos vão cantando ao compasso dos remos, o seguinte:

ROMANCE

«Remando vão remadores
Barca de grande alegria;
O patrão que a guiava
Filho do Deus se dizia.
Anjos eram os remeiros,
Que remavam á porfia;
Estandarte de esperança,
Oh que bem que parecia!
O masto da fortaleza
Como cristal reluzia;
A vela com fé cozida
Todo o mundo esclarecia;
A ribeira mui serena
Que nenhum vento bolia.»²⁰

¹⁹ Viterbo, *Elucid.* vb. *Vieiras*, onde se lê uma strophe de um hymno latino, que commemora o facto.

²⁰ Obras de Gil Vicente. t. I, p. 246, Ediç. de Hamburgo.

Este sentimento que agitava o coração de um povo de argonautas está também representado em a nossa architectura. É o mosteiro de Belem. Ali, como diz Edgar Quinet na pompa do seu estylo, parece estar encerrado o pensamento do povo portuguez :

«Se o terremoto não deixasse subsistir alguns restos, e todas as chronicas fossem perdidas, este monumento falava de per si : a alma maritima de Portugal viveria em cada pedra. No logar do Tejo, onde Vasco da Gama embarcou á busca do continente das Indias, sobre esta praia de lagrimas que viu tantas emoções de temor, de esperança, de dôr, tantas partidas, e despedidas, que se julgavam para sempre, e regressos triumphantes, el-rei D. Manuel mandou edificar uma igreja. A architectura é gothica, mas o rasgo do genio está em ter associado todos os caracteres da vida do mar; cordões de pedra, que ligam uns com outros os pilares gothicos, altos mastros de mezena, que sustentam as ogivas, os florões e as naves, em quanto a vela da humanidade se infuna, no seculo xvi, com a viração do ceu.

«É ainda a casa de Deus da idade media, mas aparelhada como um navio a largar. Se se entra no interior do claustro, já as fructas e as plantas dos continentes novamente descobertas, os cocos, os ananazes, as *pampelinussas*, estão colhidas e dependuradas nos baixos relevos. O espirito da aventura, do perigo, da sciencia, do descobrimento respira-se n'estas paredes mais do que em uma chronica. É a impressão d'este momento indivisivel de enthusiasmo, em que Christovão Colombo, Vasco da Gama, Magalhães, D. João de Castro, entoaram de joelhos o *Gloria in excelsis*, ao amainar o panno á vista de terras desconhecidas. Aqui as sereias gothicas nadam em mar d'alabastro, acolá os macacos trepadores do Ganges se embalouçam no cabo da nave da igreja de S. Pedro. Os periquitos do Brasil batem as azas em volta da cruz do Golgotha. Sobre os braços correm lagrimas. Ajuntai mappas-mundi de marmore, astrolabios, esquadros, aos crucifixos, machados de abordagem, escudos, escadas, por toda a parte maçame, nós de cordas enroladas, que amarram as columnas, as pilastras, sentireis na menor particularidade, uma igreja maritima, a nau empavezada do Christo hespanhol e portuguez, que no meio dos desalentos do homem singra em paz, vento em popa, por mares nunca d'antes navegados. Elephantes de marmore sustentam em triumpho a urna funenaria de el-rei D. Manuel, que presidiu á descoberta das Indias; outros finados jazem perto d'elle. Dirieis pilotos adormecidos debaixo do convés.»²¹

²¹ Oeuvres compl. t. ix, p. 235.

Estas linhas brilhantes e de uma verdade artistica profunda devemos-as ao genio, á intuicão viva do sr. Edgar Quinet. Copiamol-as textualmente de um estrangeiro, para que as observações estheticas não parecessem filhas do orgulho nacional. Compenetrando-nos das aspirações do nosso passado heroico, fizemos como aquelles ministros da legenda oriental, que se voltaram para o ocaso, para fitarem o ultimo lampejo de luz que se esvaecia, em quanto as trevas espessas se accumulavam sobre o nascente.

THEOPHILO BRAGA.

CARTAS OBSCURAS

A Ernesto Biester

(Continuação)



felicidade inconstante, como tu te espedaças ao mais simples toque, como te empanna o mais pequeno bafo!

D'este dia em diante começou a desharmonia, a polemica intermitente, o dito saccudido, a má vontade, os maus olhares, a tortura e as lagrymas. Quando se chega a isto não ha regeneração possivel. O arrependimento póde tudo, menos destruir a memoria do passado, com todas as suas ignominias. Além d'isso, arrepende-se-hia o sr. Esperidião? poderia Gertrudinhas affagar esta unica esperanza? Affagal-a?... para que? de que lhe

u deixo á consideração dos leitores as scenas ora joviaes ora tetricas d'este drama conjugal. Esperidião, arrancado subitamente ao seu espasmo momentaneo, começou tambem a fazer córo e a vociferar na oitava alta. Andava o diabo solto n'aquella casa onde inda ha pouco revoava o anjo da paz e dos contentamentos. «Fortuna vitrea», como diziam os latinos,— ó fe-

servia o amor d'esse homem? que affecto lhe consagrava ella para pensar, para esperar semelhante arrependimento? A esperanza é o sonho da felicidade. E seria ella feliz ao pé do marido, ainda que o ceo chovesse sobre os dois o bem-estar e os confortos! Não, nunca.

O casamento fôra-lhe alvitre da ambição, e nada mais. Queria entrar no mundo, no grande mundo da assembléa, do passeio-publico, dos *coupés* do Gomes, das Malvinas, do Chiado, dos sorvetes e do Price. O sr. Esperidião appareceu n'este comenos, offereceu-lhe o que ella apenas devaneava; que tinha o mais? que importava a idade? Estes maridos são como as letras de cambio: acceitam-se nas conjuncturas apertadas. O ponto é alcançar o que se quer; o fim é chegar onde se deseja.

Vive-se em Bellas mondando o escalracho; planéa-se ir a Lisboa, de seda, penteado á *Maria-Pia*, ouvir a opera a S. Carlos. Vamos ao facto; suscitam-se as difficuldades. De repente apparece um minhoto abastado; toma-se e parte-se. E a maxima do Czar Pedro:— *Viaja-se conforme se pôde. Quando não ha cavallos tartaros alugam-se jumentos.*»

Eu digo isto cruamente porque o assumpto não é muito para adubos, e mesmo porque, no fim de contas, a verdade é esta e só esta. Quebrado o affecto apparente que unia aquellas duas creaturas, era impossivel soldal-o. Alli não havia amuos nem arrufos; alli havia a saciedade e o tedio. Os palliativos eram inefficazes; carecia-se de um remedio energico. O expediente era de intuição para ambos, e tanto de intuição que o catrafilaram logo.

Resumindo: n'um bello dia Esperidião disse a Gertrudinhas: «—Minha senhora, vejo que me torno de mais n'esta casa. Não é preciso recordar o porque, nem o porque não; são cousas que passaram, e que para nada vem agora. Cada um de nós é livre, e o mundo grande para vivermos á vontade. Espero que não se ha de oppôr a esta idéa,.... parece-me a unica razoavel.»

—«Oh, muito razoavel,— respondeu ella com um sorriso fingidamente triste;— a mais razoavel de todas!»

Momentos depois despediam-se para sempre, sem uma lagrima, sem uma nuvem no semblante, e com um aperto de mão tão cordeal como os do dia do noivado.

Até aqui não me parece que haja cousa digna de reparo, e sem querer legislar ácerca do desquite, estou que os nossos heroes procederam como é, senão licito, pelo menos excessivamente commodo. Viajantes perdidos n'este deserto immenso da

vida, encontraram-se por acaso, olharam-se, sorriram, passaram a noute na mesma tenda, e ao romper da alvorada ergueram-se e despediram-se com um bom aperto de mão. Cada um tomou seu rumo diverso, continuaram na peregrinação affadigada, e é, portanto, natural que tivessem novos encontros. Deixal-os. Não é o Sr. Esperidião de Mattos nem a Sr. D. Gertrudes Correa que hão de perverter com o seu exemplo este bom povo portuguez.

Durante dous annos perderam-se de vista os divorciados: ninguem sabia dizer que vento mau os levara, nem para onde. Isto fazia dar volta ao miolo de muita gente; e mais de um devoto esbagulhador de mysterios particulares procurava o fio á meada, com uma pertinacia digna dos applausos de mestre Polycarpo, barbeiro de Bellas, e, em caso de aperto, sangrador e dentista.

Um dia começou a correr que o nosso Esperidião vivia maritalmente com a Sr.^a Margarida Pereira, a celebre visinha que dera causa ao rompimento, e que não tardaria que viessem para o sitio, com grande detrimento dos bons costumes e sã moral da vizinhança.

Assim foi. *Vox populi, vox dei*, como diz o proverbio. Oito dias depois a villa de Bellas cobria o rosto, como Agamemnon, para não ver semelhante escandalo. Pouco a pouco a indignação dos honestos foi tomando o seu curso regular, até se converter n'uma certa bemquerença ao Sr. Mattos, bemquerença evangelica de que participava Margarida. Os freguezes do chá, ás 5.^{as} feiras já procuravam coonestar os factos da melhor maneira possivel, e d'aqui procedia o veneno que muitas linguas serpentinhas babavam na reputação de Gertrudinhas.

—«Pois sim, —dizia uma tarde mestre Polycarpo, surrando os queixos ensanguentados de um paciente,—não sou eu que ponho por ella as mãos no fogo. Lá sem que nem porque não era o Sr. Esperidião que a deixava; olha quem! . . . e grandes foram os motivos, que elle não é homem de se turvar de repente.»

—Diz bem, mestre; a gente ás vezes pecca por este diabo da lingua. Aqui estou eu que fui dos que mais o censuraram, e que no fim de tudo tambem hoje me inclino á sua parte. Ninguem deve julgar pelas apparencias. Irra mestre Polycarpo.»—

A navalha do carrasco tinha dado no beijo do moralista talvez um lanho de dois dedos.

«Não foi nada, não foi nada,—accudio Calcraft de nova espe-

cie, assentando o fio ao serrote; — isto é da barba que é rija.» —

Emquanto estes acontecimentos succediam Gertrudinhas vivia tranquillamente em Lisboa, respirando contentamento e felicidade. Livre, moça, rica, dominando pelo prestigio da belleza, fizera do mundo um Eden, e atravessava-o radiante caminhando sobre alfombras de flores. As vezes punha-se a olhar para o passado, e sorria machinalmente do que lhe vinha á imaginação; era um tropel de reminiscencias, de phantasmas, de pensamentos ora sombrios ora luminosos, que se acotovellavam, que redopiavam, que se sumiam e reappareciam de continuo, mas aonde avultava sempre com saudade a lembrança do lar e da menicice, e com enfado, a do Sr. Esperidião.

Mal sabia ella que n'esses momentos estava o nosso homem baloiçando-se n'um mar de prata, contente e bem assombrado, como o cysne que se baloiça nas agoas transparentes de um lago.

Gertrudes contava por este tempo vinte cinco annos. As suas fórmas, d'antes gordanchudamente burguezas, tinham adelgado e adquirido uma certa flexibilidade melindrosa. Parecia então mais alta, o que é dizer, mais esbelta. Isto junto á formosura peregrina do rosto, que ainda se conservava em toda a sua florescencia, fazia com que mais de um galanteador a requettesse, e mais de uma tentação a seduzisse.

Resvalar-lhe-hia o pé? cairia no abysmo? Não aventuremos suspeitar. Aproximam-se os tempos, como se diz em algaravia prophetica; vejam os que tem olhos, e ouçam os que tem ouvidos.

Entre todos os admiradores de Gertrudinhas, Anthero de Souza era o que parecia levar melhor partida. Moço, attractivo e intelligente, tinha além d'isso os grossos renditos de quatro herdades no Alemtejo. Ora não é preciso mais para qualquer se pôr em pé de conquista, e com umas certas probabilidades de triumpho; a não ser que acometta alguma pomba de Ozeas, a quem falte o coração pela raiz.

Gertrudes tinha, é verdade, resistido por alguns annos ás blandicias e ás feiticierias do mundo; mas tambem uma pessoa não é feita de penedos, para se aguentar fria e inabalavel. Vem um dia em que as ondas dão mais rijas, e lá se vai tudo por mares em fóra. As Marcos nunca passaram, com certeza, da imaginação dos dramaturgos.

O caso é, que alguns mezes depois Anthero de Souza estabelecia-se em casa de Gertrudinhas.

Deixai correr os tempos e os successos, deitai cinco annos sobre o que fica narrado, esperai que o inverno passe, que a primavera assome, que as flores respirem que o campo nos chame de longe com o seu concerto de aves e de brisas, e vinde comigo até Bellas. O passeio é delicioso, de mais, os *char-à-bancs* são de uma commodidade olympica. Apeai-vos e divagai comigo.

Estes sitios são encantadores, não é verdade? Aquella casa é a do Sr. Esperidião de Mattos; que posição tão pittoresca!.... Além, mora Gertrudinhas? ... — como?! como disse, Gertrudinhas.

Ambos vivem na mais completa independencia, e, ouzo mesmo dizel-o, na mais amigavel familiaridade. Esperidião passeia com Authero, e Gertrudes com Margarida. A vizinhança comprimenta-os, e mestre Polycarpo faz-lhes grandes barretadas. Uma indisivel aureola de bem estar parece resplender n'aquellas quatro frentes, que passam erguidas sobre este mundo com um certo geito de orgulho e de suprema felicidade.

Se ha quem duvide, indague e convença-se. Eu dei com este romance n'uma tarde de maio em que fui ao campo, estando a contêmpelar a magestade serena das arvores e das montanhas, e a repetir interiormente estes quatro deliciosos versos de Thomson.

—*«This is the life which those who fret in guilt,
And guilty cities, never knew; the life,
Led by primeval ages, uncorrupt,
When angels dwelt, and God himself, with man»—*

Sou, meu caro Biester, cada vez mais seu amigo, etc.

Novembro de 64.

E. A. VIDAL.

comtudo tristemente ao escutar as queixas, que lhe leva dos sepulchros a fria aragem do cemiterio.

O invisivel seraphim, que Deus collocou, como terno guardador, ao lado de cada um de nós, se nos vê dominados de todo pelas más paixões, se vê que cerrámos o ouvido á voz do céu que nos recorda a missão que temos de cumprir na terra, banha de lagrimas o rosto angelical, e, batendo as azas immaculadas, vóa para a celeste patria. Assim os povos, que adormecem, descuidosos da sua dignidade, nos grilhões enfeitados de flores, com que os prende o despotismo, vêem afastar-se do seu gremio o archanjo, cuja doce voz os infeitiçava e animava.

Os povos escravos não têm poesia.

Quando a humanidade, quebrando os grilhões do feudalismo, e acreditando cégamente na alliança dos reis e dos povos, julgava que se cumpriria o tacito pacto que os monarchas tinham feito com os servos para anniquilarem o inimigo commum, a hydra, cujas mil cabeças silvavam em todos os alcantis onde poisavam as torres ameiadas dos castellos roqueiros; e respirava a plenos pulmões a livre brisa da Renascença, perfumada com as rejuvenescidas flores da antiga Grecia e Roma, um côro encantador de poetas rompeu em suaves canticos de todos os pontos da Europa. Tasso, Ariosto, Ronsard, Du Bellay, Garcilasso de la Vega, Shakespeare, Bernardim Ribeiro, Camões, soltaram ao vento as estrophes, que lhes eram dictadas ou pelo amor da patria, ou pelos doces affectos do coração, ou pelos esplendores do immenso panorama da natureza. Foi a poesia n'esse tempo a interprete verdadeira do aspirar de todos e de cada um para a fonte sublime do ideal. N'esse magico espelho vio o povo as suas crenças, o homem os seus affectos, a patria as suas glorias. Os poetas, debruçados sobre a humanidade, ou escutando attentamente na voz do seu coração a voz do coração de seus irmãos, encerravam, na urna d'oiro da sua phantasia, as flores risonhas ou tristes que por essa forma ceifavam, as quaes vaporavam, depois de mysteriosa elaboração, o perfume de versos deliciosos, que iam enlevar os que sentiam vagamente que esse aroma que os inebriava, se exahalava tambem em silencio das flores da sua propria alma.

Mas o sol da liberdade, que raiára por instantes no horisonte, sumio-se de novo nas trevas ainda mais carregadas do despotismo. Calou-se assustada a turba dos poetas. Assim, n'um dia bonito d'inverno, os passarinhos, sacudindo as azitas molhadas pela chuva, e enxugando-as ao sol que elles julgam já sêr o sol de maio, rompem em canticos festivos para saúdarem a primavera, a sua boa amiga. Mas, logo depois, as nuvens se agglomeram, desabam

de novo as torrentes de chuva, e os passaros gentis, reconhecendo o engano, emmudecem medrosos, e fogem enregelados para os asilos que escolheram.

Por um instincto natural, o despotismo tentou prostituir a poesia e impedir assim os povos de ouvirem o echo sublime dos seus proprios sentimentos, e das suas proprias aspirações. Conseguiu-o. A poesia deixou de sér a interprete da sua época, o pulso da humanidade; fez-se imitadora e cortezã. Luiz XIV, despota habil, protegia Boileau, incitava Racine, mas esquivava-se a Corneille, e fulminava o *Telemaco* de Fénelon. É porque o primeiro sangrava a poesia, e fazia-a engulir beberagens que a extenuavam, o segundo obrigava-a a servir copos d'agua com assucar e flôr de laranja aos reis e aos cortezãos, em quanto que Corneille lhe fazia circular nas veias o fogo do enthusiasmo, e Fénelon a ensinava de novo a dar com a sua doce voz conselhos uteis á humanidade.

Reconhecendo a existencia de grandes talentos poeticos no seculo XVII e no seculo XVIII, não podemos tambem deixar de affirmar que a poesia não habitou n'esse tempo entre os homens. Não lhe podendo ouvir os meigos cantares, aquelles, que se sentiam chamados ás confidencias do anjo, limitavam-se a ser echos da musa antiga, procurando vestir os espectros de Grecia e de Roma com os fatos dos cortezãos de Versailles. Resultava d'ahi uma poesia hybrida, sem nome, que não fallava ao coração do povo, que nenhuma influencia exercia, tal como o despotismo a desejava, tal como convinha ás nações que não ousavam erguer a cerviz curvada ao duro jugo dos tyrannos.

Assim que resoou o primeiro grito de liberdade, apenas os povos surgiram do lethargo, a poesia appareceu de novo, e o movimento litterario, desprezando quasi completamente os dois seculos deinacção da espirito poetico, ligou-se instinctivamente com o movimento litterario da Renascença.

A Europa fitou então os olhos na França, onde tremulavam os pendões da revolução na politica e nas letras; do mesmo modo que a Carta de Luiz XVIII servia de modelo ás constituições dos outros Estados, assim os livros de Lamartine, de Chateaubriand, e d'Hugo passaram a ser os breviarios do gosto para os poetas e escriptores de todos os paizes. Em Portugal principalmente a admiração degenerou em copia; estudou-se exclusivamente a litteratura franceza, desprezaram-se os excellentes exemplos dos chefes da nossa regeneração litteraria, e a França, que não podéra, pelas armas, triumphar da nossa nacionalidade, estabeleceu ovante a sua bandeira nas letras, e na linguagem.

Consolemo-nos comtudo, vendo que foi quasi endemica essa molestia. Poucas nações se livraram do contagio.

Ha comtudo um paiz, cuja litteratura, menos conhecida entre nós do que o devia ser, conservou o cunho nacional na revolução que empreheudeu, como todas as outras, contra as decrepitas e enfezadas fórmulas da poesia do seculo passado. Esse paiz foi a Italia.

Ahi o grande brado de liberdade, se despertou os povos, não pôde com tudo fazer cair as muralhas da Jerichó do despotismo. Acordou a nação do lethargo, mas acordou para sentir no peito o joelho dos tyrannos, a comprimir-lhe e abafar-lhe a respiração. Bastou isso para que a poesia, o anjo consolador, viesse debruçar-se sobre essa formosa captiva e prestar-lhe a sua voz para traduzir os seus queixumes e os seus gritos de desespero. A poesia fuge dos povos, que acceitam submissos a gargalheira humilhante da escravidão, mas procura e affaga os que lhe mostram os pulsos roxeados pelas algemas, pedindo liberdade. Nas margens dos rios de Babylonia solta Jeremias os seus hymnos de tristeza, nas praías da bella Italia erguem-se Manzoni, Leopardi, Silvio Pellico, Ugo Foscolo, Pindemonte, Monti, Rossetti, Giacometti a protestarem com a sua voz nobre e altiva contra os impios decretos da sorte.

Entre um povo d'opprimidos, a poesia não tem voz senão para cantar as suas tristezas, para conservar, como a vestal antiga, acceso e puro o fogo do patriotismo, para evocar as grandes recordações nacionaes, e não pode consentir aos seus sacerdotes que vão queimar incenso nos altares de estranha musa. Por isso na moderna poesia italiana se respiram ares tão differentes dos da poesia franceza, por isso se sente no theatro de Manzoni e de Silvio Pellico uma inflexão viril, que desdiz tanto do systema theatral das outras nações.

Antonio de Serpa, no bem elaborado epilogo do seu volume de poesias, chamou a attenção do publico para essa litteratura italiana, tão pouco conhecida entre nós. Hoje que novos laços nos ligam a esse paiz, que já conseguiu na maxima parte recuperar os seus fóros de nação livre, e realisar as aspirações que tão energeticamente revelou ao mundo nos cantos dos seus modernos poetas, bom será que percorrâmos as formosas paginas dos annaes litterarios da nova Italia, e que vejâmos n'ellas como se pôde seguir o movimento do seu seculo, sem imitar servilmente o paiz, que soltou o primeiro brado de liberdade.

Tres escriptores, emquanto a mim, resumem nos seus versos as feições da poesia italiana. São esses tres poetas Manzoni, Leopardi, e Carrer. Manzoni, austero e solemne como um propheta,

vai procurar no passado as causas da escravidão da Italia, estigmatizada com um ferro em brasa aquelles, que, pelas suas dissensões civís, assassinaram a patria e a entregaram inerte ao estrangeiro, e no admiravel côro do *Carmagnola*, e no não menos admiravel côro do *Adelchi* fulmina o anathema sobre os que dilaceram o seio de sua mãe, e sobre os conquistadores que passavam, ao galope dos seus cavallos, n'essa formosa terra, esmagando ora uns ora outros esse povo infeliz, que, d'antes dominador do todos os povos, teve o destino de sêr, por uma atroz expiação, também de todos os povos escravo.

Manzoni não era, como adiante veremos que o era Leopardi, o Tyrteu das phalanges patrióticas, o que fazia tremular o pendão da antiga independencia, e que animava com os seus hymnos de enthusiasmo o povo da gentil peninsula a reconquistar a sua autonomia e a sua tão appetecida unidade. O recolhimento, a austera meditação constituem a indole do seu genio um tanto sacerdotal. Gosta de se sentar nas ruínas da Italia e soltar, como Ezechiel, o tremendo anathema sobre os que prevaricaram, sobre os que renegaram do seu Deus, ou da patria, que fazem um só na frase entusiastica do férvido Giacometti.

Dio e patria son uno, son tutto

Per noi

Em quanto outros não desfitam os olhos do oriente, esperando vêr surgir no horizonte o astro radiante por que tanto anhelam, Manzoni volta pelo contrario as suas vistas para o occaso, e saúda com tristeza o formoso sol da Italia, que vê ao longe atufar-se no Oceano dos tempos. A sua musa costumou-se a sêr a cantora dos crepúsculos, e o auctor de *Carmagnola* só ergue a voz para saudar n'um cantico sublime a estrella de Napoleão, quando a vê sumir-se também no pélagos do infortunio.

Lui sfolgorante in soglio

Vide il mio genio e tacque,

Quando, con vece assidua,

Cadde, risorge e giacque,

Di mille voce al sonito

Mista la sua non ha.

Vergin di servo encomio,

E di codardo oltraggio,

Sorge or commossa al subito

*Sparir di tanto raggio,
E scioglie all'urna un cantico
Che forse non morrà!*¹

Poeta lyrico de inexcédivel vigor, correcção, e sentimento, Manzoni consagrou quasi completamente as suas faculdades poeticas aos hymnos sacros, em que é insigne, e ás patrioticas tragedias, em que o amor pouco ou nada tem que vér. O amor da patria foi para Manzoni a arca santa de que se fez voluntariamente levita. A corda dos doces affectos não existe na sua lyra, ou raras vezes é vibrada.

Como os prophetas israelitas do exilio, Manzoni pranteia a perdida Sião, fulmina os crimes que motivaram a perda, e entõa os louvores do Omnipotente.

Do mesmo modo que Monti, Silvio Pellico, Nicolini, Giacometti, conservou no seu theatro a forma e as tradições da antiga tragedia, fazendo-a saír formosa e altiva dos europeis em que a tinham envolvido os poetas francezes do seculo XVIII, e das roupagens graciosas mas femininas com que o abbade Metastasio lhe transformára a belleza severa. Nas duas tragedias, que d'elle conheço, *Carmagnola* e *Adelchi* ressumbra um vigor lyrico em nada inferior aos dramas de Victor Hugo, unido a uma certa sobriedade austera que falta ao genio monstruoso e delirante do auctor do *Hernani*. Vê-se que essas peças foram escriptas não para saciar a curiosidade, e agitar as paixões dos espectadores, mas para excitar e vigorisar a alma d'um povo.

Como se receiasse que não fosse bastante, para impressionar o patriotismo italiano, a ligeira ficção bordada pelo poeta com o matiz da historia, Manzoni introduzio n'essas tragedias o côro,

¹ A fidelissima traducção do sr. Ramos Coelho, publicada no *Archivo Pittoresco* reproduzio da seguinte maneira estas duas estrophes:

*Brilhante o via no solio
O genio meu; caido
Depois; depois no imperio;
Depois em fim vencido;
E do universo ao frémto
Sua voz unir não fez.*

*Virgem de servo encomio
E de covarde insulto,
Acorda ao sol esplendido
Tão de repente occulto,
E solta à morte um cantico,
Que é do porvir talvez.*

em que o seu admiravel genio desprende as azas, e vóa a uma altura tal, que nenhum poeta conseguiu ainda acompanhá-lo na grandiosa ascensão. O côro do *Carmagnola*, em que se fulmina a guerra civil, ficou modelo inimitavel entre os grandes trechos lyricos d'este seculo. O côro descreve em sublimes versos a batalha entre os Milanezes e os Venezianos, depois a derrota dos primeiros, depois a partida dos que vão noticiar, á rainha do Adriatico, a victoria alcançada sobre os seus irmãos, filhos da mesma Italia, bafejados pela mesma brisa, acarinhados pelo mesmo sol, possuidores das mesmas tradições. Tudo se alegra na passagem dos correios, e o poeta rompe n'esta admiravel apostrophe:

*Perchè tutti sul pesto cammino
Dalle case e dai campi acorrete?
Ognun chiede con ansia al vicino
Che gioconda novella recó?
Donde ei venga, infelici, il sapete,
E sperate che gioja favelli?
I fratelli han ucciso i fratelli,
Questa orrenda novella vi dó.*

Onde se encontra, nas outras litteraturas, um trecho que se equipare a este admiravel côro? É inexcedivel este grito de desespero que o poeta não pôde já conter, vendo a impia loucura dos seus compatriotas! «Alegrais-vos? Folgais com a victoria? Regozijais-vos com o triumpho? Quereis saber se vos trago uma noticia conforme com os vossos desejos? Pois bem! Ahi a tendes.»

*I fratelli han ucciso i fratelli;
Questa orrenda novella vi dó!*

No *Adelchi* pinta Manzoni a derrota dos Lombardos pelos Francos, commandados por Carlos Magno. Já a Italia é escrava, escrava dos vencidos colhe só da sua perda ser escrava dos vencedores. O côro do final do terceiro acto exprime d'um modo sublime esta idéa.

As novas da fuga dos Lombardos erguem os servos a cabeça, julgando chegada a hora da liberdade. «Loucos, diz-lhes o poeta, julgais que o estrangeiro possa jámais libertar-vos? Julgais que esses guerreiros que deixam a sua patria, os seus castellos, as docuras do lar, as commodidades da paz, as esposas e os filhos, venham, em premio de tudo isto, restituir-vos a independencia? Não, voltai pobres escravos, para as vossas choupanas, para os vossos tra-

balhos vós! Sois uma porção da terra conquistada, sois servos da gleba, sois o que foram para os vossos antepassados os Iberos, os Gaulezes, os Numidas, os Parthos, os Persas, e os Gregos. »

*Il forte si mesce col vinto nemico,
Col novo signore rimane l'antico;
L'un popolo e l'altro sul collo vi sta!
Dividono i servi, dividon gli armenti;
Si posano insieme su i campi cruenti
D'un volgo disperso che nome non ha.*

Leopardi, menos austero do que Manzoni, permite á sua musa fazer-se algumas vezes borboleta, e esvoaçar pelos diferentes verges da poesia. Comtudo os seus cantos patrioticos são o seu verdadeiro titulo de gloria. Os versos *All'Italia* são a mais brilhante manifestação do seu enthusiastico talento.

Leopardi não procura, como Manzoni, no passado as causas da degeneração da Italia. O seu genio, mais impaciente, limita-se a comparar a grandeza d'outr'ora com a decadencia da actualidade, e a indignar-se em presença da submissão, com que elle entendia que os seus compatriotas aceitavam os decretos do destino. Como o corcel guerreiro, que ouve ao longe os ruidos da batalha, e que se vê constrangido a permanecer em ocio vil; rincha, escarva o chão impaciente, mastiga espumante o freio, e não póde conter o insoffrido ardor, assim Leopardi presta o ouvido á historia, escuta o estridor das armas, os cantos bellicos dos seus antepassados, ouve o seu nome glorioso repetido com terror pelos echos de todo o mundo conhecido, e, voltando depois a attenção para o presente, vê a Italia vilipendiada, ouve os cantos d'alegria dos estrangeiros, vê, por entre as grandiosas ruinas dos monumentos da antiguidade, perpassar tristemente um povo d'escravos; a indignação e a dôr irrompem então em fervidos borbotões da sua alma de poeta, e esse admiravel cantico *All'Italia* faz correr um frémito de sympathia e de enthusiasmo pelas veias dos seus desanimados concidadãos.

*O patria mia, vedo le mure e gli archi,
E le colonnè e i simulacri e l'erme
Torri degli avi nostri;
Ma la gloria non vedo,
Non vedo il lauro e il ferro, ond'eran carchi
I nostri padri antichi.*

*Come cadesti o quando
 Di tanta altezza in così basso loco ?
 Nessun pugna per te ? non ti difende
 Nessun de' tuoi ? L'armi, quà l'armi, io solo
 Combatterò, procómbereò sol io !
 Dammi, o ciel, che sia foco
 Agl'italici petti il sangue mio.*

Mas o que ! Na formosa Italia só se ouvirão gritos de guerra, imprecações, e brados de vingança ? A patria do Dante não é também a patria de Petrarcha ? O despotismo pôde tornar menos azul o seu firmamento, menos suaves as suas noites, menos languidas as suas ondas, menos perfumados os seus laranjaes, menos harmoniosas as suas brisas ? E não haverá um poeta que se inspire com essas harmonias, com esses perfumes, com esses canticos dos mares, com esse fulgor dos céus ? Oh ! se ha, ha um principalmente a quem a doce musa italiana acalentou com o seu mais terno bafô, e esse poeta é Carrer !

Ha flores, ha fructos, ha poetas que por si mesmos denunciam o paiz que lhes deu origem. Quem ha, que, ao respirar o inebriante perfume da flôr da lorangeira, não sinta logo que tão doce e voluptuoso aroma só podia rescender em thuribulo doirado por todo o immenso esplendor do sol meridional ? Quem ao vêr os vermelhos bagos da romã, a vivacidade d'aquelle escarlata, não adivinha que tão esplendido colorido só podia sêr dado pelos pinceis de fogo do Apollo, que a imaginação grega phantasiou em terra estremecida por elle ? Quem ha que, lendo as poesias de Carrer, não veja logo que tão opulenta e mimosa imaginação, só podia desabrochar na formosa peninsula, beijada pelos labios azues das ondas do mar Tyrrenio, recostada n'um leito de perfumes sob o docel de luz do firmamento, em que as fadas da noite bordam um maravilhoso poema com o seu matiz d'estrellas ?

Ó noites suaves de Italia, não é verdade que impregnastes o meigo poeta de toda a vossa mysteriosa inspiração ? Argentea lua, que fazes sair das trévas a tua enamorada Veneza, com as brancas fachadas dos seus palacios, com as suas formosas gondolas, cysnes do Adriatico, não prestaste o mais languido dos teus raios ao mimoso colorido dos versos do auctor d'*Il Moro* ? Languida brisa de Bafa não lhe ensinaste a mais amorosa das tuas melodias ? Echos de Parthenope, não lhe confiasles os segredos do doce Virgilio ? Rosaes de Pœstum não lhe perfumastes a imaginação com os vossos mais inebriantes aromas ? Formosa sombra de Laura, não poisaste junto d'elle á noite a repetir-lhe as ternas canções que

te dedicou Petrarcha? Não collaborastes todos vós, echos das serenatas d'outr'ora, vagos murmúrios das noites de estio, intraduzíveis canticos das ondas, para formardes esse vosso harmonioso interprete?

Carrer soube conservar-se italiano, tratando o estafadissimo genero de balladas, que os trovadores de todos os paizes vasavam nos moldes que importavam de França. E são as balladas as seus mais primorosas poesias. Fez Orientaes sem copiar Victor Hugo, e no *Sultão*, talvez o seu melhor poemeto, soube dar a esse genero um mimo, um perfume meridional, que nos enlevam e nos encantam.

Todas as suas balladas, *La Vendetta*, *La Sposa del Adriatico*, *Il Moro*, *Stradella* são admiraveis. Esta ultima sobretudo é inexcedivel.

Stradella foi um celebre cantor de igreja, por quem se apaixonou uma mulher, tanto que abandonou casa, parentes, tudo para o seguir. Foi na pista d'elles o pai da fugitiva, escaparam-se-lhe por varias vezes, mas a final caíram-lhe nas mãos. Não quiz elle consentir, apezar do que se passára, no casamento; levou comsigo a filha, que enlouqueceu, e Stradella foi assassinado por homens assalariados.

É este o assumpto historico da ballada. A amante do cantor está na casa paterna, louca, recapitulando a sua tragica aventura. A segunda parte em que descreve o encontro do pai n'uma igreja é admiravel não só pelo tom legendario, mas pelo mimo, pela suavidade, e pela inexcedivel melodia e incanto do estribilho. Escutem duas estrophes, e, ainda que não entendam o italiano, digam-me se lhes não soam aos ouvidos como deliciosa musica.

Suppõe a louca fallar com o amante, que lhe pergunta quem era esse velho que a aterrara.

Caro, non chiedermi

Che il veglio sia;

Ha un nome cognito

All'alma mia;

Ma per esprimerlo

Non ho vigor.

Fuggiamo, involati

Mio dolce amor.

Fuggiam dove offrono

Secura vita

Tra i verdi margini

Baia romita,

El' Pampia Napoli
Col suo romor
Fuggiamo, involati
Mio dolce amor !

Os estreitos limites d'um artigo de jornal obrigam-me a passar em claro os nomes de Felice Romani, suave auctor da *Norma*, de Grossi o interessante narrador, de Vittorelli cujas anacreonticas são cheias de mimo, de Berchet auctor de deliciosas *romanzas*, de Regaldi o famoso improvisador, que enthusiasinou Lamartine, e de quantos mais ! Feliz se estas pobres linhas despertarem a attenção d'alguns dos nossos poetas, e fizerem com que, imitando o exemplo do Sr. Ramos Coelho, esmerado traductor do Tasso, vertam na nossa linguagem, irmã, pela origem e pela melodia, do formoso idioma italiano, algumas das muitas joias d'essa esplendida litteratura.

M. PINHEIRO CHAGAS.

É este o assumpto historico da ballada. A amante do cantor está na casa paterna, lousa, recolhida e a sua tragica ventura. A segunda parte em que descreve o encontro do pai n'uma igreja é admiravel não só pelo tom legendario, mas pelo mimo, pelo suave e pela inextinguivel melodia e incanto do estribillo. Faciam duas estrophes e ainda que não entendam o italiano, dizem-me se lhes não soam aos ouvidos como delicias musicas.

Supõe a lousa falar com o amante, que lhe pergunta de um era esse velho que a alietava.

A NOIVA DE MESSINA

EXPOSIÇÃO

D. Isabel Princeza de Messina, fallando aos anciãos da Cidade.

D'entre as soturnas salas de meus paços,
Anciãos de Messina venerandos,
Para fallar vos saio,— ante vós outros
O rosto descobrindo, não por grado,
Mas cedendo dos tempos á estreiteza;
Que á viuva convem, que o amado esposo
Perdeu, da sua vida luz e gloria,
No retiro occultar do mundo aos olhos
O dó que arrasta, em negro crepe involta.
Com tudo, omnipotente, inexoravel
Deste momento a voz imperiosa
Á luz, que odeio, me retraz de novo.
—Não duas vezes tem a lua as fazes
Renovado, depois que o regio esposo
Conduzi ao seu ultimo jazigo;
Esse que poderoso aqui mandava
E em cujo braço forte apoio achaveis
Contra o mundo, que hostile vos é d'entorno,
Já não existe mais, senão sua alma,

Que sobrevive em dois herões valentes,
Filhos illustres, de Messina orgulho.
Cresceram entre vós em brio e forças,
Vós o vistes; mas ainda mal, com elles
D'incognita, fatidica semente,
Odio infausto d'irmãos tambem crescia,
Que a juvenil concordia espedaçando
Medrou feroz na madurez dos annos!
Ah! nunca me alegrei de os ver conformes!
Trouxe-os aos peitos com amor a ambos
Iguaes, entre ambos, partilhei caricias,
Com filial amor sei que me acatam
E neste só querer os vejo unidos:
Não mais sangrentas brigas os separam.
—Certo, em quanto temido o pae vivia,
Com justiça d'igual severidade
Respeito impunha á violencia d'ambos,
E sob um jugo só, mas ferreo, unindo-os,
Os porfiosos animos curvava.
Não devêrão com armas encontrar-se,
Nem pernoitar jamais no mesmo tecto!
Assim, por certo, prevenia o Principe
Com lei severa e forte o rompimento
De seus instinctos feros: mas d'essa arte,
Incorrigido, no amago do peito
O odio lhes deixava. Em pouco estima
O possante, obstruir fonte que nasce,
Quando pode á torrente impôr barreiras.
—A consequencia foi que mal os olhos
A morte lhe cerrava, e a mão robusta
Não os conteve mais, o odio antigo
Como fogo d'incendio comprimido,
Em fragoa e chammas se revela. Digo
Cousas, que todos vós testemunhastes:
Desune-se Messina, voz tomando
Por um, por outro; dos irmãos a lucta
Rompeu da natureza os santos laços,
Do individuo ás paixões soltando as redeas.
Oppoz-se o ferro ao ferro; esta cidade,
Convertida n'um campo de batalha,
Té nestes atrios vio correndo o sangue!
—Vistes rotos os vinculos do Estado;
Mas não meu coração que se partia;

E os publicos desastres lamentando,
 Sem se vos dar das afflicções maternas,
 Estas duras palavras me dissestes:
 «Tu ves que de teus filhos a contenda
 «A cidade retalha em civis bandos,
 «Que de visinhos maos se ve cercada
 «E só pela união resiste á força.
 —«Tu pois que és sua mãe, vê como aplicas
 «De teus filhos o odio encarniçado;
 «A nós, homens pacificos, qu'importa
 «Que os senhores contendam? Pois devemos
 «Per'cer porque teus filhos se mal querem?!
 «Tomaremos conselho de nós mesmos.
 «E a outro senhor havemos dar-nos,
 «Que o nosso bem consulta, e havel-o queira.»
 —Assim fallastes vós incompassivos,
 Cuidando em vós sómente, e em vossos lares
 E a publica desgraça arremessastes
 Sobre este coração, que a dor materna
 E cuidados de mais acabrunhavam.
 O que não era de esperar—tentei-o!
 Espedaçado o coração, lancei-me
 Entre esses furiosos,—paz gritando.
 Sem receio, sem pausa, sem descanso,
 Aperto, insisto, junto d'um e de outro,
 Té que á força de supplicas consigo
 Accordal-os a que nestas muralhas
 De Messina, de seus avós no alcaçar
 Não imigos se encontrem rosto a rosto,
 Caso novo, depois de morto o Principe.

Tentativa de conciliação. A mãe expõe aos seus dois filhos a impiedade dos seus odios e as vantagens da amizade fraterna.

O que de vós devo esperar? Dizei-o!
 Com que animo ou proposita aqui viestes?
 Acazo o inflexivel odio antigo
 Aos tectos paternaes trazeis de novo;
 E fóra destas portas vos espera
 A guerra, por momentos subjugada,
 A morder tão sanhuda o bronzeo freio,
 Que apenas me tenhaes voltado as costas
 Haverá com mór furia de soltar-se

Còro (Bohemundo)

Ou paz ou guerra! Ainda as sortes jazem
Baralhadas no seio do futuro!
Isso porém vae decidir-se em breve;
Estamos para tudo aparelhados!

Isabel (percorrendo com os olhos toda a scena.)

Que temeroso marcial aspecto!
Estes homens, que querem?—Nestas salas
Dispõe-se uma batalha? ou de que serve
Turba de estranhos, quando a mãe deseja
Abrir o coração ante seus filhos?
Pois até junto a mim mostraes receio
De fallaz trama, de traição perversa
Para com tal resguardo precaver-vos?!
Oh! que esses feros homens que vos seguem,
Ministros de vossa ira arrebatados,
Amigos vos não são; nem julgueis nunca
Que esses taes para o bem vos aconselhem
Com intenção louvavel. Como podem
Acórdes ser de coração comvosco,
Vós, estranhos, linhagem d'invasores,
Que os expellistes da paterna herança
E firmastes aqui vosso dominio?
Crede-me! Todos amam viver livres,
Segundo as proprias leis. Dominio estranho
A custo se tolera. Só á força,
Por medo só, a sujeição vos rendem,
Que aliás com prazer refusariam
Conhecei-os por fim quaes sejam falsos
Descaroaveis, com prazer maligno,
Da vossa dita elevação se vingam,
A ruina do senhor, do chefe a queda
É-lhes mote a canções, thema a dizeres,
Que de filhos a netos vão narrando,
Com que os longos serões do inverno encurtam!
—Ó filhos meus! hostile e falso é o mundo,
E mal intencionado! Ama sómente
Cada qual a si proprio. Incertos, frouxos
E variaveis são os laços todos,

Que da fortuna aligera são filhos.
 O que o capricho atou, solta o capricho
 Leal só natureza! ella somente
 Firme repouza em ancoras eternas,
 Em quanto sobre as ondas procellosas
 Da vida, tudo mais fluctua instavel.
 —Amigo a inclinação, socio e proveito
 Nos grangeia: feliz porém d'aquelle
 Que um irmão deve ao berço! Não lh'o pôde
 Outorgar a fortuna; tem congenito
 O amigo, e duplicado, contra um mundo
 D'engano e guerras cheio se abalança!

Côro (Caetano)

Grande é por certo, confessal-o devo,
 D'uma rainha o pensamento augustol
 Sobre as acções e agitação dos homens
 Sagaz discorre; a nós pelo contrario
 Confuso empenho á vida desregrada,
 Irreflectidos, cegos nos arrasta.

Isabel (para D. Cezar.)

Tu, que brandiste contra o irmão a espada.
 Olha em torno de ti, olha essa turba;
 E dize se ahí vês feições mais nobres?

(para D. Manoel.)

Entré esses a quem dás de amigo o nome,
 Ha quem com teu irmão corra parellas?
 Modello cada qual da sua idade
 Nenhum cede, nenhum excede ao outro.
 Ousae, emfim de olhar-vos rosto a rosto!
 Ó loucura dos zelos e da inveja;
 A esse, entre milhares, escolhido
 Houveras para amigo; contra o seio
 Como ente excepcional'o apertarias
 E quando a sacrosancta natureza
 T'o deu, quando no berço em mimo o achaste,
 Tu criminas contra o proprio sangue,
 Calcas aos pés seus dons com cego arbitrio,

Para lançar-te d'homens mãos nos braços,
Para alliar-te a estranhos, a inimigos!

D. Manoel

Escuta-me, Senhora!

D. Cezar.

Escuta!

D. Isabel.

Basta!

A taes lutas palavras não põem termo.
Aqui o meu e o teu vingança e culpa
Descrires não consentem. Pois quem póde
Achar o antigo leito da corrente
Sulphurea, que expandio o atroz incendio?
D'um soterraneo fogo temeroso
É tudo pasto. O que não foi queimado
De rescaldos de lava jaz coberto,
E um passo mais que deis vos leva ao abysmo.
—Um pensamento só vos quero n'alma:
O mal que o homem feito irroga ao homem,
Esse mal, quero crê-lo não se esquece,
Não se perdôa facil. Quer o homem
Guardar seu odio, e nenhum tempo muda
O proposito que adopta circunspecto.
Mas de vossas porfias desce á origem,
Á temporã, desrazoada infancia!
Tal época devera desarmar-vos.
As causas presentae de taes discordias...
Não as sabeis, ou, se atinaes com ellas
Tereis pejo de vãos agastamentos.
E todavia são da infancia as brigas,
Prolongadas em misera cadeia,
Que a taes calamidades nos trouxeram.
Que os feitos máos té hoje acontecidos
São da suspeita e da vingança filhos.
E vós! ainda quereis ir por diante
Com lutas infantis, quando sois homens?

(Pegando nas mãos a ambos.)

Eia, pois filhos meus, determinae-vos
 A dar por saldas vossas mutuas contas,
 Que tambem são reciprocos os agravos.
 Magnanimos, heroicos, esquecei-vos
 Da incomportavel, desmarcada affronta.
 Nada ha mais sancto que o perdão. Na campa
 Lançae de vosso pae antigos odios,
 Filhos da juvenil quadra immatura,
 E começai de agora um viver novo,
 Ao amor, á concordia, á paz votado.

(Recua um passo como para lhes dar espaço de se aproximarem um do outro. Ambos permanecem de olhos fitos no chão.)

Côro (Caetano.)

Attentos sede aos maternas conselhos.
 Que em verdade solemnes são seu ditos
 Baste-vos isso, e ponde termo á luta;
 Ou, se mais vos apraz, prosequi nella;
 O que aceito vos for temos por justo,
 Vós os senhores sois, nós os vassallos.

Isabel *(Depois de estar calada por algum tempo, e tendo debalde esperado alguma manifestação da parte dos seus filhos, continua com voz suffocada.)*

Não sei mais que dizer. Tenho esgotado
 Todo o poder de exhortações e preces.
 No tumulto jaz quem vos continha á força,
 E eu, vossa mãe, fraca entre vós me sinto.
 —Sois livres! conclui. Obedecendo
 Ao demonio que cegos vos arrasta
 Sem respeito ao altar dos deoses lares
 Converttei este paço, onde nascestes,
 Em theatro dos mutuos assassinos.
 Ante o materno olhar exterminai-vos,
 Por vossas proprias mãos, não por estranhas!
 Corpo a corpo, como os irmãos thebanos
 Enlaçae-vos n'um circulo de ferro.
 Lutae em furia ardendo encarniçados.

Trocae vida pòr vida: vençam ambos
 Enterrando o punhal no peito do outro.
 Nem sane tal discordia a propria morte,
 Antes do fogo a ensanguentada chamma,
 Que do funéreo rógó ha de elevar-se,
 Em bipartidas lingoas se repillam,
 Da vossa morte e vida atroz simulacro.

(Sai. Os dois irmãos permanecem no mesmo apartamento um do outro)

Coro (Caetano.)

São palavras sómente o que ella disse;
 Porém palavras taes, que me quebraram
 No bronzeo peito a varonil audacia
 Eu nunca derramei propinquo sangue,
 Puras aos ceos as mãos levanto ainda:
 Vós sois irmãos, pensai no resultado.

**D. Manoel, o irmão mais velho, revela aos cavalheiros do seu sequito
 como se encontrou com a mulher que elle escolheu para noiva.**

Coro (Caetano).

Eu te escuto, senhor, a vez primeira
 Do aturado silencio a muda bocca
 Dissellando! Com olhos curiosos
 Ha já bem tempo que te espreito e sigo,
 Raro aventando singular segredo.
 Não me atrevi porém a perguntar-te
 O que em tão densos véos se me occultava.
 Já não te enleva mais da alegre caça
 Vivo praser, nem de corseis corridas,
 Nem de falcões victoria! mas apenas
 Vai-se inclinando o sol sobre o horisonte,
 Dos companheiros teus somes-te aos olhos;
 Nem ousa algum de nós, com quanto socios
 Somos leaes em guerras e caçadas
 Na solitaria senda acompanhar-te.
 ¿Porque as glorias do amor nos recatas te
 Tão cioso té hoje? Ao homem forte
 Póde alguém a disfarces constrangel-o?
 Longe vai o temor d'essa alma grande!

D. Manoel

É alada a fortuna e fugidia,
 Se aferrolhado cofre a não protege.
 Por custodio o silencio lhe foi dado,
 E da indiscreta mão, antes do tempo,
 Entre-abre o cofre, rapida se esquivava.
 Mas o longo silencio romper quero,
 E posso agora, já tão perto do alvo;
 Porque ao crastino rosicler da aurora
 Ha de ser minha, e do demonio a inveja
 Nenhum poder exercerá comigo.
 Furtivo, nunca mais hei de encontral-a.
 Nunca mais roubarei do amor os fructos,
 Nem alegrias colherei de assalto.
 O dia d'amanhã será constante,
 Ao dia de hoje igual, e a minha dita
 Não será qual relampago que fulge
 E rapido outra vez se immerge em trevas;
 Mas similhante ás aguas de um ribeiro
 Ou da areia a correr, marcando as horas.

O Côro

Nomeia-nos, senhor, essa, a quem deves
 Ventura tal, que só assim podemos
 Glorificar tua invejada escolha,
 E, qual nos cumpre, honrar a Augusta esposa.
 Dize-nos onde a viste? onde se occulta!
 Em que fundo retiro impenetravel?
 Nós que no afan da caça, ao longe ao largo
 A ilha toda, e mal sabidas sendas
 Percorremos folgados, não achámos
 Signal que o teu segredo revellasse!
 Por modo tal, que a mim só me parece
 Que um nevoeiro magico a recata.

D. Manoel

Desfaço o encanto! — Á luz do sol se mostre
 Quanto era occulto. Vós, ouvide attentos
 Meu cazo. — Cineo luas são passadas.

Reinava então meu pai, que á juventude
 Com poderosa mão curvava ao jugo
 A indomida cerviz. Eu, n'essa quadra,
 Só conhecia o trafego das armas
 E o passa-tempo bellico da caça.
 — Já tínhamos folgado o dia inteiro
 Nas selvas da montanha. Eis dē repente
 Alva corça descubro, não mui longe,
 E em quanto a sigo, do tropel me afasto.
 Pelas voltas dos valles, por barrancos
 Por invios espinhaes e moitas foge
 O timido animal, e eu sempre o via
 Já quasi, quasi a tiro, e nunca o pude
 Nem alcançar, nem tel-o a geito d'alvo :
 Até que de um jardim galgando a porta
 Sumio-se !— Do cavallo ao chão me atiro,
 Vou-lhe no encalço de venab'lo erguido,
 E vejo, e pasmo !... A corça espavorida
 Jaz de uma freira aos pés inda tremendo,
 E a sór com brandas mãos a afaga e anima.
 Immobil, d'olhos fitos no portento
 O venab'lo nas mãos conservo ainda,
 Ameaçador no gesto : ella me encara,
 E com pasmados olhos me supplica.
 Mudos assim ficamos face a face.
 Quão longo espaço foi não sei dizel-o,
 Que do tempo a medida me esquecera ;
 Mas fundo o seu olhar entrou-me-n'alma
 E desde então meu coração foi outro.
 — O que lhe eu disse a ella, — o que em resposta
 A creatura angelica tornou-me,
 Não m'o perguntem. No passado a vejo
 Como remota clara-escura imagem
 De um sonhar infantil. Sobre o meu peito,
 Voltando a mim, senti o seu pulsando.
 Nisto argentinos sons ouvi d'um sino.
 Talvez chamando ao còro, e quão velozes
 Dissipam-se no ar sombras ligeiras,
 Ella tambem aos olhos meus sumiu-se.

Còro

A tua narração terror me infunde !

Pois sacrilego roubo commetteste?

D. Manoel

Quanto a mim de seguir só tinha um rumo.
 Fixados meus desejos inconstantes,
 Do meu viver descortinara o emprego;
 Se volta, onde almejado o sol disponenta,
 E qual para o nascente o peregrino
 Buscavam meus desejos e esperanças,
 Dos céos aquelle ponto luminoso.
 Nenhum dia, depois, se ergueu dos mares
 Ou nelles se afundou, que não reunisse
 Um par ditoso, e do secreto acordo
 Que os nossos corações tomado haviam,
 Sómente soube o céu, que tudo enxerga.
 E viu discreto a tacita ventura.

**D. Cesar, o filho mais novo, conta a sua mãe a historia
 dos seus amores.**

D. Cesar

..... Escolha!
 Escolha chamas ao poder dos astros,
 Que na hora prescripta arrasta o homem
 A seu fado cumprir? — Pois busquei noivas!
 Não, tão futil idéa não podia
 Vir-me aos sentidos na mansão da morte,
 E ahí foi que a encontrei, que a vi, que amei-a!
 Fôra-me até então indifferente,
 Menos presado o femenino sexo,
 De fallas vãs, onde eu não via alguma
 Igual a ti, que eu, como a Deos, respeito.
 — De meu pai nas tristissimas exequias
 Deu-se o caso. Na mó do povo envolto,
 Com disfarce nas vestes, bem o sabes,
 Ambos ao rito funebre assistiamos.

Prudente assim mandaras, porque a chamma
De nossos odios não rompesse irosa,
Do morto as honras ultimas manchando.
— De escuro dó paramentada a nave
Da egreja, estavam telamones vinte
Com tocheiras nas mãos, do altar em roda;
Da eça o cadafalso ante elle erguido
Com negro crepe, de cruz branca em cima:
E sobre o crepe viam-se depostas
O bastão do commando, a real c'rôa,
Aureas esporas, da nobreza insignia,
E a forte espada, diamantino o pomo.
— Religioso silencio dominava!
Eis que invisivel do sublime côro
Começa o orgão de mover-se, e o canto
De cem acordes vozes a elevar-se,
E ainda o canto vibrava.... desce
O esquife, e n'elle o corpo, e lentamente
Baixando vae ao subterraneo mundo.
Cobre porém o mortuario crepe,
Largo tendido o disfarçado ingresso,
E sobre a terra as transitorias galas
Ficam de resto, não seguindo ao morto;
Mas nas azas seraphicas do canto
A alma solta para cima adeja
Da graça o fundo asylo e os céos buscando.
— Minucioso te descrevo tudo,
E' trago-t'o á lembrança, porque vejas
Se em tal logar, tal acto, no meu peito
Caber podia um desejar mundano.
E esse momento foi solemne e grave
Que o arbitro elegeu da minha sorte,
E co'um raio de amor tocou minha alma.
Como a achei junto a mim, não m'o perguntas
Nem donde vinha. Sei só que, volvendo
Acaso os olhos, quando a vi contigua
Moveu-me o fundo d'alma um sentimento
Inexplicavel, forte, irresistivel.
Não foi do seu sorriso o feiticeiro
Encanto, nem as graças que de entorno
Ás feições lhe adejavam, nem o garbo
Do porte airoso. Do seu ser foi antes
A mais ima porção, a mais secreta

Que sujeitou-me com poder celeste
 Com magia indisivel. Nossas almas
 Como que se tocavam, — sem palavras
 Communicavam-se entre si, voando
 D'uma a outra no ar que respiravamos.
 Era-me estranha e intima comtudo.
 Então, distincto ouvi dentro em minha alma:
 «É esta, ou ninguem mais será na terra.»

A. GONÇALVES DIAS.



CHRONICA DO MEZ



Conta-se que um poderoso monarcha de outros tempos, amigo das letras e protector das artes, tivera a fantasia de emprender uma longa viagem nos seus estados. Não querendo pôr ponto a suas leituras, e receiando dificultar o passeio se levasse a bibliotheca toda, incumbiu alguns sabios de lhe fazerem n'aquellas mil produções do espirito humano uma escolha esclarecida e prudente, uma escrupulosa analyse que lhe permittisse levar apenas a essencia de todas as obras que possuia. Puzeram-se a trabalhar n'isso os litteratos, compulsando e esquadrinhando livro por livro e acabaram por levar ao monarcha um folheto; e o mais é que o folheto, esse mesmo folheto, ia com as paginas em branco!... Supponha o leitor que é o monarcha amante das letras e protector das artes, considere este mez de Janeiro como a sua bibliotheca, e faça de conta que eu sou sabio;—percebe já a parabola?

Para proteger a chronica do seu proprio jornal, o sr. Biester que presentiu que eu poderia d'esta vez morrer á mingua, deu um drama novo, no theatro normal. Os chronistas da capital estavam já como os naufragos da fragata *Meduza*, expirando de fome e sede, quando avistaram no horisonte esta vela providencial, que vae salvar-me na *Revista Contemporanea* como já me salvou na *Revolução de Setembro*.

O amigo leitor nunca foi calumniado? Realmente! Então, é que

ainda não fizeram reparo em si. Não vê que ha sempre um fuão que engorda de emagrecer os outros, que vae correndo por essas ruas, á chuva e á lama, e pára ás esquinas, e espreita ás portas, e escuta o que as pessoas dizem entre si, e gira uma manhã inteira ou põe-se de sentinella ao desembocar d'uma travessa,—em procura de algum escandalo para o fazer estalar como uma bomba nas costas de alguém! Scisma, escogita, dá tratos á cachimonia, sem apanhar uma idéa: olha para o tecto, nada: põe-se de murro fechado para a abobeda celeste, e a inspiração sem descer. Torna a ir para a rua, vagabundear nas praças, correr, escutar, planear. Precisa provar que os homens de bem são uns tratantes, que os homens de talento são uns tolos, lisongeando por esta maneira a vaidade dos patetas e a credulidade dos ignorantes. Injuriar os que valem, é defender a causa da immorredoura raça dos biltres, que desejariam que se lavrasse decreto d'este systema de bestialismo nacional!

Que tolo, vejam que toleirão não foi o Plutarco, cujo pensamento unico ao escrever a biographia dos homens illustres era o de compor o livro de nobresa da humanidade! Pois não vale muito mais a pena a tratar de os deshonnar por mexericos, diffamações, calumnias? É o officio que rende mais. Ronda o sujeito toda a noite por becos e azinhagas suspeitas, e depois apresenta descaradamente ao publico a colheita immunda. Olhem para dentro do sacco dos documentos, se não teem nojo; que confusão, que sujidade... Que traapeiros... sem lanterna!

A calumnia é velha, velha e rija infelizmente, e D. Basilio no tom chistoso explica bem as vantagens de tal prenda ao tio de Rosina. A calumnia! Um rumorsinho, ao principio, escorregando-se pelo chão como uma andorinha antes do temporal, murmurando brandamente, esquivando-se, e atirando na corrida o dardo. Lá ha sempre alguém que repara n'isto, e repete depois devagarinho ao ouvido de outra pessoa. Está feito o mal, e germina, e rasteja, e anda, e, engrossaudo de bocca em bocca, leva-se que é o diabo. Depois, de repente, sem saber como, vê-se a calumnia levantar-se, assoviar, inchar, crescer, a olhos vistos; estende o vôo, redomoinha, embrulha, arranca, arrastra, estala, troveja, e torna-se n'um grito geral, n'um *crescendo* publico, n'um côro universal que por toda a parte eccôa, e o infeliz calumniado, aviltado, opprimido, cae debaixo do peso de geral indignação. Tudo isso é bom! Tudo isso é bom, diz Bartholo; e, se elle vivesse hoje, diria: Isso é o que ha de melhor! Toca a deshonnar, toca a desacreditar, toca a perder, vamos a fazer da gente limpa uma enxovia, e sejamos o guarda em vez de sermos o grillheta!

O sr. Biester viu n'isto um drama e escreveu-o; um drama em

cinco actos... de coragem. Cartas na mesa, olhar firme, e jogo franco; nunca houve duello com peiores adversarios nem com inimigos mais traiçoeiros; expôr-se muito, para vencer melhor: se os homens de bem estão em minoria, pobre dramaturgo, com quem has de contar?

Não se offende n'esta peça a imprensa; açoitam-se os falsos sacerdotes, os impostores que prégam uma doutrina, uma religião, não por convicção nem por fé mas com o simples fim de exercerem uma profissão ganhando dinheiro, e os traficantes de prosa ignara, que allagam jornaes villões com artigos, para desacreditarem alguém e especularem com a honra e a bolsa.

Misero, deploravel officio, de prejudicar, desacreditar, diffamar, ser moço e não ter briô, coxear por gosto, ser rachitico por sua livre vontade, doente e livido, Erostrato sem talento, recreando-se em queimar todos os templos e atirar lama a todas as estatuas, preferindo viver n'um mundo á parte por não achar logar na sociedade, mundo escuro e sujo que corrompe qualquer n'um momento,—porque a moral não admite distincção; ha uma linha mathematica que a separa da immoralidade; onde começa uma acaba a outra. E é o que faz com que até o espirito deixe logo de ser independente, e ande tudo sujeito a uma senha «nós e os nossos.» Se algum de melhor organização quer lutar contra a corrente e recusa affogar-se, agarram-o, cercam-o, accomettem-o para mergulharem o luctador audacioso, ajudando em compensação os que trilham aquella mesma estrada, e applaudindo os que os acceitam, porque saudando o triumphador saudam-se a si proprios!

O sr. Biester tem entre outras a inquestionavel vantagem como auctor dramatico de tentar um caminho novo, e em vez de procurar unicamente uma situação e edificar n'aquelle terreno um enredo que se componha de um certo numero de effeitos, prefere fazer um drama com sentimentos, paixões ou vicios. É mais difficil, mais difficil cem vezes este systema, porque, de pouca algebra que disponha um homem, sempre prevê, dando se certo numero de combinações, a quantos arranjos se póde chegar sem erro!

Uma peça do theor adoptado precisa principiar por um namoro e acabar por um casamento; explicar as entradas e as saidas, como se Sancho devesse sempre entrar fatalmente quando Martinho saísse; arranjar um nó, uma chave. um centro; se o centro, a chave, o nó, são uma idéa e não um facto, já o caso não vae bem. Um sentimento, uma paixão... Peior! Um nada é o que deve ser, um acaso, uma cicatriz no braço esquerdo, uma medalha ao pescoço, para lhe andarem á roda durante tres actos ou cinco todos os personagens!

Chega-se por este meio a um resultado agradável, que dá pouco trabalho, e que significa um triumpho. Mas é triste, porque exclue a originalidade, a phantasia, a inspiração, a observação, a critica, e é esse exactamente o grande fim da arte dramatica, que se resume n'uma só palavra : moralisar. Alguns teem querido que o theatro não seja mais de que um recreio para o espirito, simples divertimento ; outros, que elle seja uma lição. Os primeiros, auxiliando-se pela sua theoria, teem seguido o romantismo puro, a arte pela arte, e teem caído muitas vezes no absurdo ; os outros teem feito o drama historico e o drama de ensino, mas a maior parte do nosso publico, que perdeu as tradições das coisas boas e bellas, tem bocejado escutando-os ; os *Homens do mar*, do sr. Cesar de Lacerda, levaram a melhor a *Egas Moniz*, do sr. Mendes Leal.

Na composição do novo drama do sr. Biester sente-se de alguma fórma ás vezes a pressa com que este dramaturgo infatigavel confectiona as suas peças. Os typos que figuram n'esta obra lucrariam talvez em serem mais cuidados ; o ministro parece-me insignificante ; o Desgenais, que moralisa tudo e vive a dar sentenças, já não seduz no theatro e tornou-se insipido á força de apparecer sob todas as fórmas como satirista e sentencioso official de todo o drama que se respeita, muito mais n'uma peça da indole da dos *Diffamadores* em que o verdadeiro Desgenais é o publico ; e os tratantes podiam talvez recorrer a expedientes que fizessem com que a fabula interessasse tanto pelo engenho da acção como pela utilidade do thema.

Isto não impede o drama de ter notaveis bellezas, o primeiro acto, que é uma elegante exposição, o segundo e terceiro que tem situações de interesse, e o final que é engenhoso e vivo. Apontemos ainda o tom de boa sociedade, que respira de muitas scenas ; e louvemos o pensamento geral da peça, pensamento que é um serviço á moralidade e aos costumes d'esta época : são estes os dotes mais valiosos d'esta applaudida composição.

A peça subiu pela primeira vez á scena na noite do beneficio de Tasso ; Tasso é mais do que um actor popular, é o actor de toda a gente, povo e senado ; o senado deu-lhe coróas e ramos, o povo palmas e lagrimas : teve tudo. No desempenho do seu papel, muita dignidade e sentimento, suffocados ás vezes pela commoção da noite. — Santos teve no 2.º acto uma scena admiravel, Manuela Rey representou o seu papel com a galanteria que a acompanha em tudo, Emilia Adelaide declamou com a melhor intelligencia, Marcolino caracterisou excellentemente o seu personagem, e no papel de ministro um áctor que se estreou, o sr. Polla, revelou grandes condições para a scena, muita distincção no porte e no dizer.

O Gymnasio durante todo o mez não arriscou a mais leve novi-

dade,—a não ser uma explosão de gaz que lhe atirou pelos ares as vidraças e as portas.

Em S. Carlos cantou-se a *Nina* de Coppola, com trechos novos; a execução coube a madame Borghi-Mamo, Squarcia, Stagno, e Topai. Madame Borghi alcançou n'esta opera o mais difficil dos seus triumphos de artista; transformou-a o poder mysterioso do talento na timida e innocente ingenua, que o amor enlouquecera, e imprimiu ao typo da heroína o character simples e suave que lhe compete; como cantora foi o que é sempre, prodigiosa. — Stagno mostrou-se n'esta opera extremamente mediocre; nem voz nem alma. — Squarcia cantou com o maior primor a sua parte, — e Topai, estreando-se quasi no fim da época, nem appareceu fóra de proposito nem deu pena de chegar tão tarde. Coppola foi chamado ao proscenio entre applausos; não se comprehende que a alma inspirada que cantou as melodias de *Nina* nunca mais segredasse á arte as suas inspirações; *Nina* é um verdadeiro cantico d'amor, espontaneo, original, suavissimo, e ao mesmo tempo uma musica em que os conhecedores admiram grandes perfeições: em todo o caso a opera de Coppola tem um grande defeito para o publico de Lisboa, — o auctor está cá; entre nós estima-se apenas o que vem de longe!

Publicou-se em nova edição a *Noite do Castello*, e *Os Ciumes do bardo*, poemas do sr. Antonio Feleciano de Castilho, formando um só volume. Uma d'estas noites relli os *Ciumes do bardo*, que só conhecem hoje os homens de quarenta annos, e que a geração nova deveria saber de cór porque é o poema por excellencia da gente que ama e soffre. Que vigor, que verdade de paixão, que exaltação sublime, que poesia admiravel de genio, que pintura prodigiosa das torturas do ciume, que revelação dos segredos, agonias, sensualidades, furia e martyrio do amor-paixão, que se extorce, que se abrasa em zelos!

Pescador, quando a lua descobriu
saíam do seu lar, vinham cobertos
de suor e rubor. Quando esta nuvem
cobriu a lua, entravam no arvoredo.
Agora, entre arguições, desculpas, beijos,
raspam do olmeiro os versos, as promessas,
as cifras qu'entalhávamos; não querem
testemunhas incommodas. Oh! louca
Onde irás tu, que o meu amor não vejas!
Se podes tanto, da memoria risca
a infancia, a mocidade, e ficas solta!

Ha nos gritos do poeta alguma coisa do rugir de Shakspeare;

nas imprecações contra a mulher, nas apostrophes ao velho barqueiro, que vehemencia febril, que devastadora ancia ! Sente-se a desgraça em todo aquelle cantico, a desgraça irremediavel, que, como um espirito das trevas converte a natureza n'um deserto, onde só espinhos, onde só cardos brotem ; é tudo escuro, aziago, e triste ; os anjos trajam lucto e perdem ainda mais com o seu halito o grosseiro ar que atravessam ; as flores cobrem-se de lagrimas, e murcham ; nenhuma esperança, nenhuma consolação, nenhum perfume ; fecha-se o coração á piedade, á confiança, a todas as virtudes que tenham feição de ternura ; ha um veu que não deixa ver o ceu ; tudo é queda e ruina ; acabou a lealdade, a franqueza, a crença, a admiração ; fica a vida pela metade ; vem a dôr, como a serpente, enlaçar o mundo, infectando, silvando, e repartindo um thesouro de venenos que se espalha pelas veias todas ! É o ciume, oh ! é o ciume que entra no coração para o matar, ou, quando muito, para morrer n'elle deixando-o reduzido a um tumulo, pedra lançada sobre o cadaver de um sapo !

Seria perfeitamente ridiculo recommendar esta nova publicação do sr. Castilho e insistir sobre os titulos do auctor, — a mais alta figura da poesia em Portugal, homem de letras exclusivamente, todo entregue á sua arte, que, sem emphase o podemos dizer, é para elle uma religião, não querendo, não havendo querido nunca converter a musa em allianças vulgares ; poeta simplesmente, mas poeta irmão de Victor Hugo !

A escola academica fez a distribuição dos premios no dia 8, alcançando o director de Suas Magestades a graça de assistirem a este acto. Houve grande numero de convites, e a festa correu com a maior solemnidade. Não resisto a contar-lhes, como m'o contaram a mim, um dos ditos da função ; não ha função sem bons ditos. Estavam adeante do amigo que m'o referiu duas excellentes mães de meninos premiados. A alegria tornava-as expansivas, e as duas senhoras — que decerto se viam pela primeira vez — communicavam entre si a mais de meia voz as fagueiras esperanças de suas almas maternas. Mostravam uma á outra os filhos, com aquella vaidade de mãe que vê sempre os seus por um prisma côr de rosa :

—O meu Jacintho, dizia uma d'ellas, é aquelle loirinho, delicadinho, de occulos, ali á esquerda, vê ?

—Pobre menino ! diz a outra. Já de occulos n'esta idade !

—Oh ! retruca a mãe com desvanecimento, não é por ter a vista curta ; o meu Jacintinho vê que é um gosto ! mas o pae, considerando quanto este collegio progride, destina-o ao professorado e quer habitual-o desde pequeno a usar d'occulos.

—Ah !...

Falla-se de uma comedia nova do sr. Mendes Leal em que o poeta Bocage seja uma das principaes figuras; continua a dizer-se que ainda este anno se cantará o *Fausto* em S. Carlos; e annunciám-se bailes de mascaras n'este theatro e no normal—tudo isto são noticias... para o mez que vem, mas não tenho d'outras. Havia um cirurgião d'aldeia, que comprára havia mezes uma porção de trigo a um saloio, e que reclamando-lhe este a paga não encontrava meio de o satisfazer. O saloio berrava:

—Em todo este tempo o sr. não podia arranjar o dinheiro?

—Não pode, não posso; não o tenho!

—Não o tem, é boa! Dê para cá o trigo!

—Já está comido!

—Então dê cá um traste, seja o que fôr...

—Não tenho nada!

—Então, com a bréca... Deite-me bichas!

Eu estou assim para com o mez; chegára a querer que me fizesse uma pirraça qualquer... para eu ao menos me pagar na chronica; mas nem isso; atravez do temporal constante em que tem ido estes trinta dias não me desabou siquer uma arvore aos pés, nem a cheia me fez correr perigo, nem o vento arrancou uma das paredes do meu gabinete...

A fortuna porém que não desampara completamente os chronistas, á ultima hora mesmo, dá-me uma grande representação de cães e macacos intelligentes no circo Price. Estes mesmos macacos e estes mesmos cães haviam tentado já reunir sociedade no Campo de Sant'Anna; mas o vento, a chuva, a tormenta, conspiraram-se contra elles, como contra o amor de Anacreonte, e os pobres animaesinhos vieram pedir agazalho no circo de Price; infelizmente o chicote do director aqueceu-os mais do que a concorrência do publico na noite do seu primeiro espectáculo.

A companhia é immensa, e os exercicios variadissimos; ha trabalhos de equitação, ha scenas comicas, ha cães amestrados na alta escola, macacos serios, macacos tragicos, macacos comicos. N'um dos intervallos, dois acrobatas executaram uns exercicios gymnasticos; o publico, que não estava prevenido para esta confusão de artistas, ia-os tomando tambem por dois macacos grandes, e principiava a extasiar-se da enormidade de sua configuração, quando lhe chegaram ao espirito gravissimas apprehensões de que eram homens; isto abrandou o enthusiasmo que ia acolhel-os, se fossem macacos. O macaco no nosso paiz goza de muita estima. A humanidade, bem considerada, divide-se em cães e macacos; os bons, os tolos, são cães; os maus, os espertos, são macacos. O cão é o amigo da casa, mas o macaco é ainda mais, é cidadão na casa, ao passo que o cão

é simples escravo. O macaco não reconhece senhor, põe-se á vontade, namora a esposa do dono, e deita-se ás creadas. Quem dá n'um cão aprende a desprezar os seus semelhantes; quem dá n'um macaco aprende a respeitá-los, porque o macaco deita-se-lhe ás goelas. Os abolicionistas podem tropejar quanto quizerem contra a escravatura; enquanto houver cães, haverá escravos. Chamam-lhe amigo do homem! Mas, se lambe os pés ao amo que o maltrata, não vejam n'isso o symbolo da amizade mas o do martyrio; e principalmente não invoquem o nome d'esse animal sympathico para o converterem n'uma injuria, não o applicuem á peor das raças, á mais temivel, á mais repellente, á mais feia de todas as raças de animaes, — aos crédores! Chamem macacos aos crédores, isso sim; mas, não lhe chamem *cães*. Abaixo, abaixo essa figura de rhetorica, que póde não offender os crédores, mas que offende os cães!

JULIO CESAR MACHADO.